

MULHERES EMPREENDEDORAS

A luta pelo sustento e independência

n ANA RITA TENE

TODAS as manhãs vemos mulheres no transporte público e não só a caminho do local de trabalho, quer para servir o patrão, quer para fazer o seu próprio negócio.



Mulheres desdobram-se para o sustento das famílias e independência financeira

Este esforço, muitas vezes, tem sido em busca de alternativas e contribuir nas despesas domésticas face

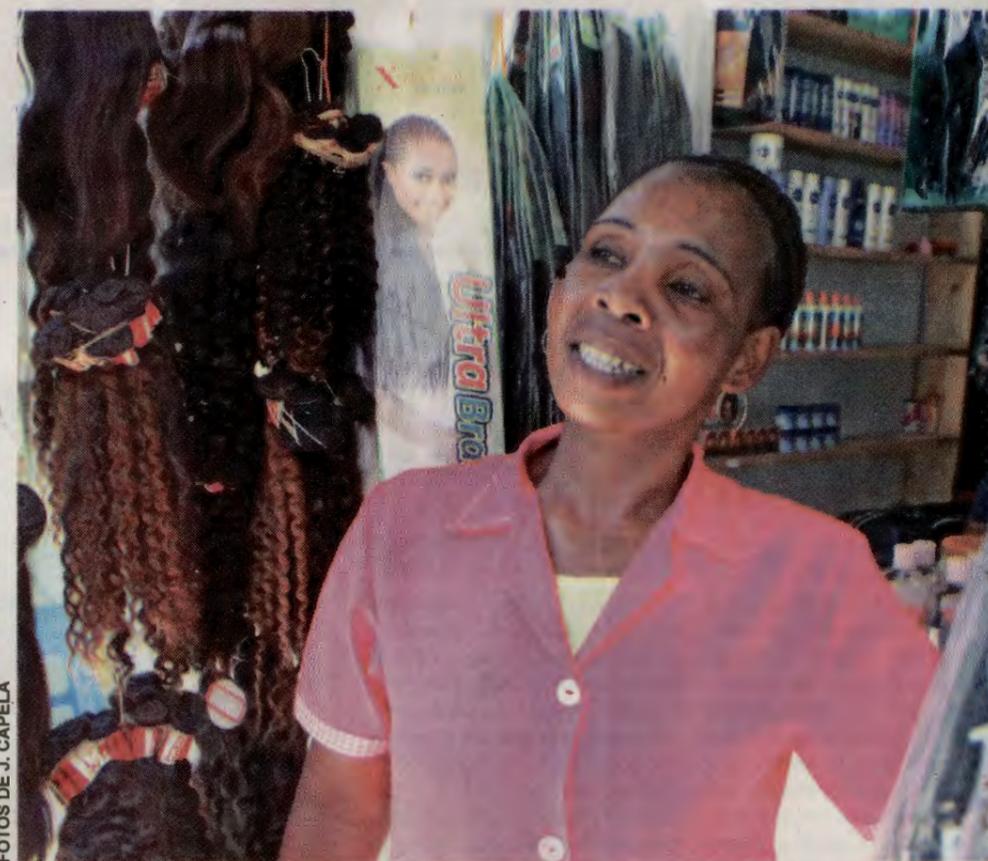
às crescentes dificuldades, mas também na tentativa de alcançar a autonomia financeira e tornar-se uma mulher independente.

Cesária Tina, 45 anos de idade, residente na Machava

parar porque os meus filhos precisam", narra.

Cada uma das mulheres envolvidas nesta actividade tem a sua história.

Por exemplo, depois de concluir o ensino médio e não con-



Hoje sou independente - Luísa Machaieie

Considero-me uma mulher independente

UMA das coisas que levam as mulheres a procurar ocupação fora de casa - trabalho remunerado ou negócio - é a vontade de sentirem que têm uma autonomia financeira e que podem contribuir para a subsistência das suas famílias.

Contudo, mais do que buscar uma fonte de subsistência, há cada vez mais empreendedoras à procura de ser independentes e não terem de se sujeitar a práticas como violência doméstica e abusos por parte dos seus parceiros devido à dependência.

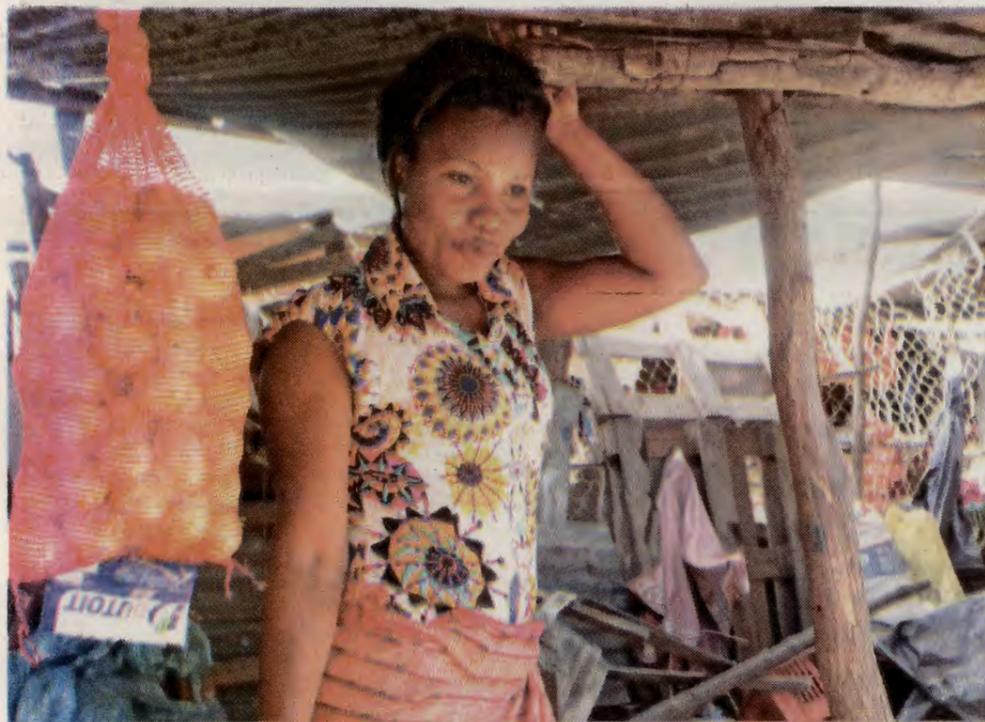
Luísa Machaieie, de 38 anos, residente no bairro Ferroviário, entrou para o grupo de empreendedoras depois que se divorciou do marido em 2015. Depois de um ano no desemprego e depressão por causa da separação, teve ajuda do irmão para iniciar a actividade comercial no ramo de produtos de beleza.

Central, na baixa da cidade de Maputo, ofereceu-a uma banca para fazer alguma coisa que a dê rendimento para a sua família.

"O meu irmão também passou a fornecer-me cabelos artificiais e cosméticos diversos para vender, e tenho estado a sair-me bem. Escolhi a área de produtos de beleza porque não são perecíveis e todas mulheres procuram", explicou.

Graças ao seu negócio conseguiu superar a depressão, dar aos seus dois filhos condições mínimas para irem à escola e firmar-se no mundo de negócios e, passado um ano, considera-se uma mulher independente.

"Apesar de todas as coisas que aconteceram, hoje considero-me uma mulher financeiramente autónoma e capaz de seguir a minha vida sem depender de nenhum homem ou apoio de pessoas



O meu negócio tem ajudado o meu marido

às crescentes dificuldades, mas também na tentativa de alcançar a autonomia financeira e tornar-se uma mulher independente.

Cesária Tina, 45 anos de idade, residente na Machava Km 15, faz parte das mulheres que vivem de negócio na cidade de Maputo.

Vendedora no mercado Malanga, há oito anos, descobriu na venda de farinha de milho e ovos uma fonte de renda para alimentar os seus filhos.

Para iniciar o seu empreendimento, contou com o apoio da sua irmã, com a qual começou a viajar para a vizinha África do Sul para comprar produtos e revender para famílias e outros vendedores de Maputo e Matola.

"Comecei a vender aqui em 2008 com o apoio da minha irmã e tenho conseguido dar o sustento aos meus filhos. Mesmo que o negócio já não esteja a correr como antes, não posso

parar porque os meus filhos precisam", narra.

Cada uma das mulheres envolvidas nesta actividade tem a sua história.

Por exemplo, depois de concluir o ensino médio e não conseguir emprego, Sónia Zacarias, jovem de 29 anos, residente na Liberdade, decidiu procurar alguma ocupação que a ajudasse a contribuir no rendimento da família.

"O meu marido trabalha e eu ficava em casa à espera dele trazer dinheiro para sustentar a mim e aos nossos dois filhos. Até que a minha concunhada decidiu-me oferecer um valor para iniciar o meu próprio negócio", conta Sónia.

Com o apoio que teve conseguiu entrar no mercado sul-africano para importar batata-reno e cebola para revender no mercado Fajardo, contribuindo assim para a renda da família e educação dos filhos.

por parte dos seus parceiros devido à dependência.

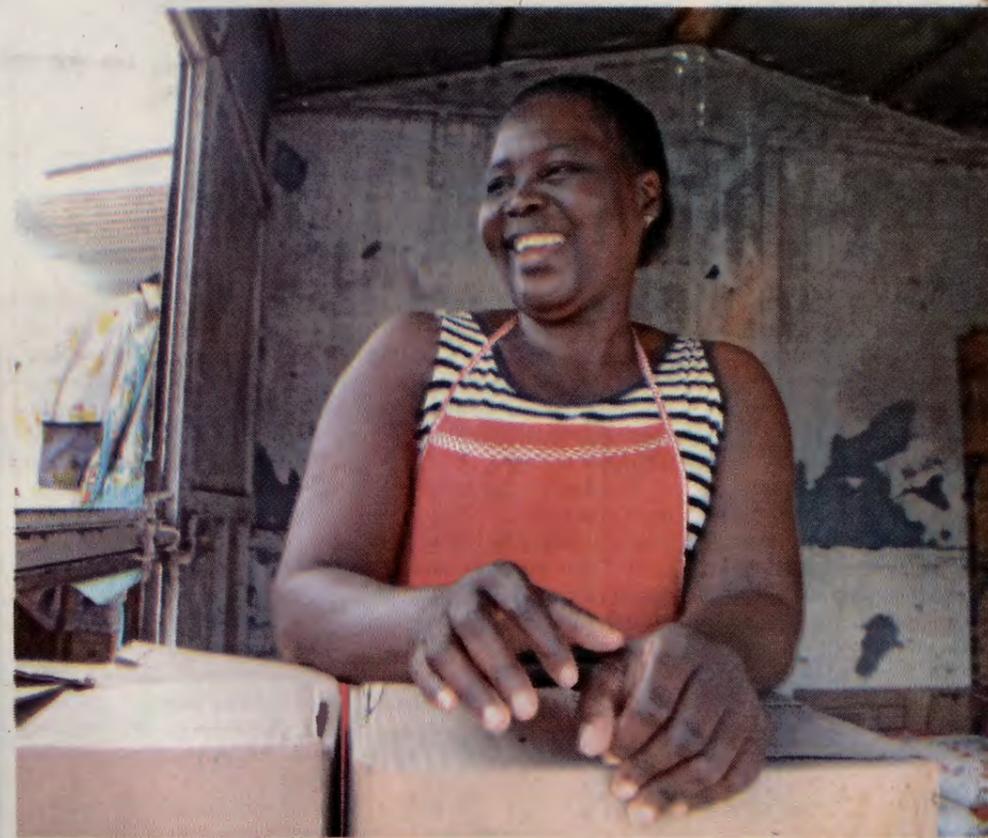
Luísa Machalele, de 38 anos, residente no bairro Ferroviário, entrou para o grupo de empreendedoras depois que se divorciou do marido em 2015. Depois de um ano no desemprego e depressão por causa da separação, teve ajuda do irmão para iniciar a actividade comercial no ramo de produtos de beleza.

O pai de Luísa, que fora vendedor no mercado

depressão, dar aos seus dois filhos condições mínimas para irem à escola e firmar-se no mundo de negócios e, passado um ano, considera-se uma mulher independente.

"Apesar de todas as coisas que aconteceram, hoje considero-me uma mulher financeiramente autónoma e capaz de seguir a minha vida sem depender de nenhum homem ou apoio de pessoas de fora", acrescentou.

Dificuldades que levam à mudança de atitude



Cesária Tina em conversa com o "Notícias"

Venho de muito longe

– afirma Virgínia Vilanculos, comerciante há mais de 30 anos

NO empreendedorismo, no trabalho ou nas mais diversas áreas existem histórias de luta, persistência e superação que vale a pena partilhar até na perspectiva de inspirar gerações para que não desistam dos seus sonhos.

Um desses testemunhos é de Virgínia Vilanculos, de 54 anos, vendedora de produtos alimentares no mercado Malanga, em Maputo. A sua história como vendedora remota da década 80, quando o marido trabalhava fora de Maputo e ela teve que buscar fontes para sustentar a família.

Foi assim que, com dinheiro deixado pelo esposo para as despesas de casa, começou a comprar arroz e feijão em púcaros, no mercado Xiquelene, para revender na sua zona. Com esse negócio começou a ganhar lucros, até que chegou o momento em que adquiria já o produto em sacos de 50 quilogramas.

Passados alguns anos, descobriu que podia revender os seus produtos no posto administrativo de Ressano Garcia, na província de Maputo, e levar farinha de milho de lá para comercializar na cidade de Maputo.

"Foi uma ginástica muito grande e fiz esse exercício de Maputo a Ressano e vice-versa até 1994, altura em que comecei a viajar para a província de Cabo Delgado a fim de comprar feijão e milho para a capital do país", conta Virgínia Vilanculos.

Quando o negócio das importadoras de pequena escala, vulgo mukheristas, começou a ganhar espaço, Virgínia passou a importar calçado e loiça da África do Sul para as lojas da capital, acabando descobrindo que as pipocas eram uma fonte de renda boa.

A partir desse momento as pipocas tornaram-se no seu negócio predilecto, aliado à venda de frangos, carnes e outros produtos comprados na RAS. Foi por ter trilhado estes caminhos que a nossa interlocutora conseguiu educar os seus filhos e firmar-se no mundo dos negócios.

"Apesar das dificuldades que tenho enfrentado nos últimos dias, considero-me uma mulher completa e capaz de trabalhar pela minha família", disse a vendedora, acrescentando que vem de muito longe e com uma história capaz de encher páginas de um livro.



O negócio dá pão e escola em muitos agregados chefiados por elas

Um dos filhos seus conseguiu formar-se e trabalha na província de Nampula, graças à conjugação de esforços com o seu esposo em prol da educação

e preparação para a vida profissional dos filhos.

"Nem todos estiveram em condições de estudar e ter a sua própria independência, mas

este que conseguiu tem sido motivo de orgulho. O negócio serviu de fonte de renda para que os meus netos também fossem à escola", afirmou.

OS desafios que nos aparecem pela frente servem, nalgumas vezes, para nos fortalecer e noutras para nos ensinar a traçar novos caminhos, desenhar novas metas e refazer o trajecto da vida.

Quando se fala da mulher, são as dificuldades da vida que as fazem despertar para o mundo e trabalhar a fim de reverter o cenário de pobreza, fome e mostrar ao mundo que é possível triunfar sobre todas as coisas.

Em muitas situações, tem sido em caso de perda do parceiro que muitas começam a dedicar-se à alguma actividade que possa gerar renda. É o caso de Cesária Tina. Quando esta perdeu o esposo, nos meados

do ano 2008, vítima de acidente de viação, ficou devastada e sem saber o que fazer, pois ele é quem trabalhava para colocar o pão na mesa. Passados alguns meses, ela percebeu que devia fazer algo para alimentar e educar os filhos.

"Quando o meu marido morreu, fiquei sem saber o que fazer, mas depois tive que reunir forças e começar a trabalhar para sustentar os meus filhos. Pode não ser muito o dinheiro que consigo, mas tem sido suficiente para educar e dá-los o básico", explica.

Outra mulher ensinada a vencer na vida pelas dificuldades foi Luísa Machalele, que ao divorciar-se entrou em depres-

são e desta só recuperou um depois, e não quis acreditar que anos de casamento haviam sido perdidos.

Só no ano passado é que despertou para a necessidade de se reerguer, através do trabalho e criar condições para um futuro condigno para os seus filhos. Agora, depois de iniciar o seu próprio negócio, não precisa de pedir dinheiro ao seu ex-marido para as despesas das crianças.

Independentemente das circunstâncias, as dificuldades podem ensinar as pessoas a superar obstáculos e tornarem-se autoras da sua própria história, tal como defende a empreendedora Virgínia Vilanculos.